

Aos 50 anos de sua morte, Macedonio Fernández (1874-1952) é considerado um dos mais importantes escritores argentinos, desde sua colaboração em *Martín Fierro*, revista da qual participavam Jorge Luis Borges, Scalabrini Ortiz e Leopoldo Marechal. Articulando reflexões político-filosóficas, autobiografia e refinado humor, Macedonio desenvolveu originais teorias sobre a literatura argentina, especialmente em *Museo de la Novela de la Eterna*. Engenhosas e sedutoras, sua presença e sua obra tiveram um papel decisivo na formação de escritores argentinos de seu tempo, como Borges, e do futuro, como Piglia.



Durante uns meses, há alguns anos, vivi no Hotel Almagro, em Rivadavia com Castro Barros. Muito próximo do hotel está a Federação de Box e nas quartas-feiras à noite eu ia ver as lutas. Na porta do estádio ficava uma mulher que vendia flores e que tinha uma foto de Macedonio Fernández presa ao vestido. Chamava-se (ou chama-se) Rosa Malabia e durante vários meses eu a encontrava na porta da Federação de Boxe e a convidava para tomar chá na confeitaria "As violetas". Nunca soube onde ela vivia, porque ela nunca quis me dizer isso, suponho que também alugava algum quatinho em um hotel da região ou dormia em um saguão. Tomava seu café da manhã na igreja evangélica e comia o que lhe ofereciam os vendedores do Mercado que ficava em frente da pensão. Tinha conhecido Macedonio quando menina, aos quinze anos, quando ainda ia à escola. Dizia que naquele tempo Macedonio ocupava um quatinho em um hotel em Morón ou em Haedo e que ela o visitava porque vivia por ali e que seu pai era médico. Nunca soube de onde havia tirado a foto e nunca soube se o que me contava era verdade. Suponho que realmente o tinha conhecido e que o tinha amado; às vezes ficava calada por um momento e depois me dizia que ela era "totalmente macedoniana" e com isso talvez quisesse me dizer que era inocente. Às vezes, de súbito, ausentava-se um pouco e me olhava com olhos vazios e dizia que estava morta e que tinha todo o corpo oco por dentro, como se fosse uma boneca de porcelana. Entrava e saía do Hospício, desaparecia dois ou três dias e de repente voltava a aparecer na porta da Federação de Boxe vendendo flores que roubava das tumbas no cemitério da Chacarita. Chamavam-na a louca do gravador, porque carregava um gravador de fita cassete, velhíssimo, como seu único pertence. Parece que anos antes havia trabalhado num negócio onde se consertavam televisores e gravadores, num local nas passagens subterrâneas da 9 de Julho, e que o deram como indenização quando a despediram do emprego. Carregava-o em uma pequena valise de papelão e o escutava quando estava sozinha. De um dia para o outro, não a vi mais. Disseram-me que a tinham internado no Moyano, mas quando fui visitá-la não me reconheceu ou não quis me receber. Vários meses depois, numa tarde, chegou-me uma encomenda com o gravador. Ele tinha sido mandado de Olavarría e nunca soube se foi ela ou algum parente que se deu ao trabalho de recordar-se de mim e mandar-me o aparelho. Era um velho Geloso de duas cabeças e, se agora alguém o liga, primeiro se escuta uma mulher que fala e parece cantar e depois a mesma mulher conversa sozinha e por fim uma voz, que pode ser a voz de Macedonio, diz umas palavras: "É o que sonhas encontrar em mim, o que eu ansiara ser, o que cuida ainda das sombras às coisas, para que não as abisme o Dia, o Real em transparências do ser delas, do que ama tudo e tudo diz". Esse gravador e a voz de uma mulher, que crê estar morta e vende violetas na porta da Federação de Boxe da rua Castro Barros, foram para mim a imagem inicial da máquina de Macedonio em meu romance *A cidade ausente*: a voz perdida de uma mulher com a qual Macedonio conversa na solidão de um quarto de hotel.

A mulher gravada *Ricardo Piglia*

Museu da Novela da Eterna

(fragmento)

Dia entrefechado

Macedonio Fernández

Já sei quem será o “pálido” que teu coração poderá vencer-me, Aquele que andando antes de mim no caminho às vezes descobro, às vezes não, avançando com afã junto aos muros e cercas. O que nodula rosas aos cercos, e na brancura de mil chispas com que se eleva em luz a alta sesta estreita uma fita de sombra negríssima a cada pé de tronco, e estira delgado uma linha de sombra negríssima ao pé das breves paredes camponesas, e ao pé dos muros um negro perfilado tabuão, no “a prumo”, na verticalização e na oscilação do dia todo, do lago chamejante da Sesta. Breves manchas de negrume, tordos do deslumbramento, segredos guardados do dia ao pé de rosais como se desse segredo crescessem os rosais e a fragrância das rosas fosse lágrima desse segredo.

Algum outro com a palidez da arte e do amor, algum “outro” pálido, mais amoroso e artista. Esse é e não tem mais vida que a que tu ou eu lhe damos. É o que crês, sonhas encontrar em mim, o que eu ansiei ser: o Artista, o que cuida ainda das sombras às coisas, para que não as abisme o Dia, o Real em transparências do ser delas, do que ama tudo e tudo diz.

Invisível, se traspasado de luz no seio da Sesta; escuro, na Noite, mas seu rosto claro com sua palidez e a da lua e das estrelas. Como o pensas tu, como o penso eu.

Tu que tens nos olhos e cabelos as tintas negríssimas, ódios de luz com que as coisas esquivam o sorvo da Sesta; as coisas ternas que amam suas sombras e humildes amores, que o artista cuida, e não querem abismar-se no poder transparente daquela e esperam, retendo suas sombras; caminham até a Noite, recolhidos na mão seus tules, o que lhes diz que existem: suas sombras.

Tu nodulas com a Noite teus passos no presente, e te fazes secreta ao chamado do Dia, do Presidente; tu fazes noturno teu presente e amas teu passado deslumbrante.

Tu que amas a Noite e és ela às vezes em palidez, em constelação, em teus olhos, no suspirar, no silêncio, no não-presente, na Recordação. Tu. Nessa tua palidez de recordação, de amor, nessa creio, naquela com que um dia a morte se fingirá em ti.

És a noite, em que vi meu caminho.

Me levas, és noite que guia

Noite iluminaste, te chamo,

Porque a luz da noite te faz louçã,

A do dia te fere e te proíbe teu mundo.

És a noite. Somente se mostrou em meu caminho na noite que és.

Também somente eu era

Quem poderia descobrir-te

Nas sombras da noite

Versos confessionais

Santiago Juárez¹

Voz de uma dor elevou-se do caminho e visitou a noite;

Transe gemente por uma boca falava.

Eram as sombras por onde minhas mãos

Qual apartando-as precediam meus passos

Feridos da impaciência e do tropeço

Buscando aquele pedido de pessoa dolorida.

Grito que ensombrou a sombra.

Voltou a esfriar o pulsar de minha vida,

E tropeçando com a alma e o passo

Não de minha pena, mas de pena alheia,

Julguei afligir-me, quando achei sangrando,

Meu próprio coração, por mim clamando,

Que desterrado de meu peito havia.

Porque somente à lembrança sua batida dava

E só na lembrança minha dor estava

E assim do caminho me chamava

E apenas perto me sentiu, acolheu-se

Em meu peito triunfante como desgostoso dono,

E logo pôs-se a cravar-me aquela batida

O bater de seu choro de dor da lembrança

E hoje desterrá-lo de novo já não quero,

Que essa dor é a dor que quero

Essa dor que é Ela,

E sou tão somente essa dor, sou Ela,

Sou Sua ausência, sou o que está sozinho d'Ela;

Meu coração melhor que eu o ordena.

¹ No terceiro número de *Proa 1*, Macedonio publicou, sob o pseudônimo de Santiago Juárez, o poema “Versos confesionales” que reapareceriam muito tempo depois com o título de “Cuando nuestra dolor se finge ajena”. Cf. *Correspondencia Macedonio Borges 1922-1939* (edição e notas de Carlos García, Buenos Aires: Corregidor, 2000).